



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MARCIANO PEREIRA BARROS

(entrevista)

Petrolina, PE

2022

GEEPRACOR-CEFIS-UNIVASF

FICHA TÉCNICA



Legenda: Fotografia produzida no dia da entrevista. Da esquerda para direita: Professor Marciano Pereira Barros e Hallends Jonhson Almeida Gardel.

Projeto: Práticas Corporais e História Oral no Semiarido e Subprojeto Associação Petrolinense de Atletismo um Breve Histórico.

Número da entrevista: E-973

Nome do/a entrevistado: Marciano Pereira Barros

Local da entrevista: Colegiado de Educação Física da Univasf - CEFIS

Entrevistador: Hallends Jonhson Almeida Gardel

Data da entrevista: 28/05/2022

Transcrição: Hallends Jonhson Almeida Gardel

Copidesque: Hallends Jonhson Almeida Gardel

Pesquisa de termos: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 01 hora, 37 minutos e 59 segundos.

Páginas Digitadas: 26

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: BARROS, Marciano. Entrevista concedida por Marciano Pereira Barros ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador: Hallends Jonhson Almeida Gardel. UNIVASF, UFRGS, PETROLINA (PE), 28 mai. 2022, 29 p.

SUMÁRIO

Apresentação do entrevistado; História com o esporte; Desafios e dificuldades para a fundação da APA Petrolina; Primeira Diretoria da APA; Locais dos primeiros treinos; Início da parceria com o SESI; Primeiros colaboradores e parceiros da APA; Data de fundação e registro da APA; Primeira empresa a patrocinar a APA; Primeiros atletas; Mudanças ocorridas na APA; Quantidade atual de atletas; Principais conquistas da APA; História de atletas mais marcantes; História de vida de Justino Pedro; Posição da APA no cenário nacional; Posição da APA no esporte paralímpico; Rotinas de treinamento; Professores e treinadores da APA atualmente; Locais de treinamento; Apoios e dificuldades atuais da APA; História do início do Professor Domingos na APA; Posição dos principais atletas no ranking nacional; O que a APA representa para o entrevistado e qual a contribuição para sua vida pessoal e profissional; Considerações finais.

Petrolina (PE), 28 de maio de 2022. Entrevista com Marciano Pereira Barros (M.B.) a cargo do pesquisador Hallends Jonhson Almeida Gardel (H.G.) para o Projeto Garimpando Memórias da Universidade Federal do Vale do São.

H.G – Bom dia, Professor Marciano Barros, membro da Associação Petrolinense de Atletismo, APA Petrolina, e mais uma vez muito obrigado pela presença, por contribuir com esse trabalho, sobre essa tão grandiosa instituição. Seja bem-vindo, fique à vontade, vamos fazer algumas perguntas em relação à APA e o desenvolvimento do esporte na região do Vale do Francisco, tendo a APA como principal precursora do atletismo aqui na região, a APA que possui reconhecimento nacional e internacional, porque regional nem precisa citar, o objetivo do trabalho é tornar o trabalho da APA reconhecido também pela população do Vale do São Francisco que, apesar de ser uma instituição renomada, muitas pessoas ainda não sabem de que se trata a APA, e deixar um legado para os atletas, professores, atores, parceiros, investidores, patrocinadores, de como surgiu a APA, em que se transformou e qual a situação da APA hoje no cenário nacional, quiçá no cenário mundial do atletismo. Obrigado pela presença.

M.B – Eu que agradeço, muito bom dia a todos e a todas, boa tarde, boa noite, a hora que vão ouvir esse áudio. Eu fico muito lisonjeado por poder estar aqui para falar um pouco dessa instituição, da APA Petrolina, instituição a qual eu venho de longas datas, fazendo parte, levando o atletismo da nossa região para outras regiões, dando oportunidade a pessoas daqui de Petrolina, de cidades circunvizinhas, de outros municípios, a ingressar dentro do atletismo, quero desde de já agradecer à Univasf, ao Curso de Educação Física, por proporcionar para que as pessoas possam entender como surgiu e como funciona a instituição APA Petrolina, então, desde já, meu muito obrigado.

H.G – O senhor poderia, inicialmente, se apresentar, por gentileza?

M.B – Eu sou o professor Marciano Barros, sou professor de educação física e sou um dos fundadores da instituição APA Petrolina.

H.G – Qual a sua história com o esporte?

M.B – Minha história com o esporte começou dentro da escola a qual fui convidado no ano de 1990/1991, pela professora de educação física da escola onde eu estudava, escola Joaquim André Cavalcante, que me apresentou o atletismo, participei dos jogos escolares em 1991 e 1992 e dei início à prática da modalidade do atletismo, mudei de escola, fui fazer um curso técnico de educação física, motivado também pela prática da atividade do atletismo, em 1994, quando terminei o Fundamental II, a 8ª série e fui para o 1º ano, e esse curso técnico de educação física habilitava os profissionais a dar aula de educação física até o 6º ano, como a nossa região era muito carente de profissionais de educação física a gente também atendia as outras séries do ensino médio. Então fui instigado a isso, a participar para conhecer também outros esportes, os quais conheci dentro do curso técnico de educação física, tive bons professores que me orientaram muito bem relacionado à prática, e eu sempre fui uma pessoa muito curiosa, e já dentro do curso de educação física eu também fui convidado por um professor, que na época era atleta, José Carlos Santana, de Juazeiro-Ba, que estava acabando de chegar na região, atleta profissional, que na época conquistou três vezes a maratona do Rio de Janeiro, foi medalha nos Jogos Panamericanos de Cuba, em 1991, com diversos resultados internacionais. Até então, eu não sabia, não o conhecia, e treinando no Parque Municipal, fui convidado por ele no ano de 1996 para fazer parte e integrar essa equipe que, inclusive, a gente deu um nome na época, que foi a ASA, Associação Sertaneja de Atletismo, e eu comecei a me motivar mais com o atletismo, em 1997 foi meu último ano escolar, conquistei várias medalhas, inclusive até hoje sou recordista de uma das provas, que são os 800m, e a Professora Edileuza¹, que foi aquela que me convidou, vendo as competições, vendo eu participando, ficou muito motivada, e no ano de 1998, aliás, em 1997 eu já era professor e coloquei uma equipe de atletismo. Em 1996, era estagiário do Curso Técnico de Educação Física, coloquei alguns atletas para participarem do atletismo, galgando resultados bons, levei para Recife, foi a primeira vez que eu fui participar de uma competição oficial, primeira viagem que eu fiz para Recife, foi nesse ano de 1996, e em 1997 eu já estava trabalhando como estagiário remunerado, pelo Governo do Estado de Pernambuco, na Escola Raulino Sampaio eu montei alguns atletas para participarem dos Jogos Escolares, e a Professora Edileuza, que era da Escola Joaquim André, me convidou para fazer um trabalho dentro da Escola Joaquim André e eu topei, fiquei na escola, montei uma equipe, inclusive muito grande, chegamos a ter cento e vinte atletas no atletismo escolar, das categorias pré-mirim ao

¹ Francisca Edileuza de Alencar Carvalho.

juvenil e conquistamos vários títulos, acho que nesse ano das oito disputas nós levamos seis, e aí deu um “boom” no nível escolar, em 1999 levamos a maior delegação para os jogos escolares de Pernambuco, chegando a ter 23 atletas de uma delegação de 36 ou 37, tivemos uma delegação muito grande, em 2001 também foi muito forte, em 2002 conseguimos classificar um atleta para o Campeonato Brasileiro, foi a primeira convocação que eu recebi a nível de estado, fui treinador da Seleção Pernambucana em 2002, e esse nosso atleta foi para o Campeonato Brasileiro, que aconteceu em Poços de Caldas, e nós conquistamos a primeira medalha do Estado de Pernambuco nas provas livres de corridas rasas, na prova de 1.000m, com o André Luiz², e os nossos garotos começaram a se destacar também nas corridas de rua, além desse resultado, em janeiro de 2003 eu levei ele para participar de um Campeonato Pernambucano, filiei eles por uma equipe de Recife, que se chamava CEL Santos Dumont, e instigado por isso, por estar representando outros municípios, como Recife, e não o nosso município, nesse mesmo ano de 2003 nós queríamos legalizar os resultados dos nossos atletas, porque nós tínhamos resultados, mas o conhecimento da CBA não chegava, então sentamos, lá no Centro de Educação Física, em 20 de janeiro de 2003, sentamos eu, a Profa. Edileuza, o Professor Santana, o Professor Ronilson³ e o Professor Fabrício⁴, e resolvemos montar um estatuto e criar uma associação, e criamos a Associação Petrolinense de Atletismo, foi o nome que denominamos naquela época, a APA, nas dependências do Centro de Esporte e Lazer, inclusive até hoje existe a sala da APA, onde todo mundo identificava que era a sala da APA, em 2003 fizemos essa constituição da instituição. Eu continuei trabalhando na escola, e quando foi ano de 2004 eu resolvi montar, por conta própria, um horário no Parque Municipal onde eu pudesse atender os atletas, de forma voluntária me deslocava para o Parque e pegava alguns atletas que já tinham passado da idade escolar, de Petrolina e de Juazeiro, que a gente tinha uma ligação muito grande também com Juazeiro, tinha esporte escolar em Juazeiro, que eu fazia parte também, na Escola Pedro Rêgo e no CODEFAS⁵, e eu comecei a trazer esses atletas todos para o Parque Municipal e fornecer esse suporte pra eles, e os garotos começaram a se destacar, ganhando provas, campeonatos a nível estadual, norte-nordeste, corridas de rua, e isso veio estimulando cada vez mais a participação dos nossos atletas nas competições, só que, como eu falei, até então, somente eu estava tocando a instituição, nós

² André Luiz Pereira.

³ Ronilson Benevides.

⁴ Fabrício Iramario Laranjeira.

⁵ Colegio Democratico Estadual Prof^a Florentina Alves dos Santos.

tínhamos muitas dificuldades na parte burocrática, tanto que a gente teve problemas relacionados a parte de organização da instituição, não estava totalmente organizada, faltava um CNPJ, a gente só usava a marca APA Petrolina, e o tempo foi passando, os resultados acontecendo, mas a gente tinha os atletas filiados, não à APA Petrolina, mas a uma instituição em Recife, que foi uma parceira que eu fiz com o Professor Abrão Nascimento, que tinha um projeto por nome de Projeto Atletismo Campeão, e nós filiamos os atletas a essa instituição, inclusive começamos os trabalhos com a pessoas com deficiência, nós tínhamos uma menina, que tinha uma deficiência no braço, e para que ela pudesse participar de competições oficiais nós tínhamos eu filiar a uma instituição que fizesse parte do Comitê Paralímpico, foi quando surgiu a equipe do Projeto Atletismo Campeão, e em 2006/2007, ela participou de uma competição, e em 2008 ela foi convocada para os Jogos Paralímpicos de Pequim, foi algo muito forte, a gente já vinha se destacando nas corridas de rua, mas nas competições oficiais, até então, eram poucas competições e a gente teve essa oportunidade de estar participando, comecei levar os atletas para campeonatos brasileiros, para campeonatos norte-nordeste, em 2006, 2007, 2008, 2009, e quando foi em 2009, nós tivemos a aparição de outros atletas, devido a menina que havia se destacado e também outro atleta da nossa instituição veio a ter uma deficiência, um dos nossos atletas regulares, que foi o Josoaldo⁶, e nos deparamos com mais uma luta, um cara que era regular e não possuía deficiência, de repente ficou cego, e como já estávamos inseridos no meio paralímpico, conversamos com ele e foi dito que ele seria inserido no paralímpicos, foi onde começou a surgir a ideia dos deficientes na instituição, não foi algo que a gente planejou, foi algo que a gente recebeu, fomos recebendo as pessoas, as pessoas foram vendo os meninos com deficiência se destacando. Depois surgiu o Francisco Daniel⁷, que era uma pessoa com deficiência, a gente dava um suporte muito grande aos meninos da APAE, que sempre estavam com a gente, tanto que em 2009 eu fiz o meu Trabalho de Conclusão de Curso falando da importância da responsabilidade social da educação física para as pessoas com déficit intelectual. Eu sempre tive um foco ligado à pessoa com deficiência, mas eu trabalhava mais por uma questão de ajudar eles com a atividade e o exercício físico, e não com o rendimento, apesar de eu trabalhar com rendimento, o meu foco com PCD⁸ não era rendimento, era qualidade de vida mesmo, dentro da prática do atletismo, da natação, eu trabalhava com a

⁶ Josoaldo Coelho da Silva.

⁷ Francisco Daniel Coelho da Silva.

hidroterapia com eles, era questão de estar praticando atividade física. E veio a oportunidade de trabalhar eles com o rendimento. Em 2010 surgiu o Daniel, que virou um grande destaque, foi convocado para a Seleção Brasileira, em 2011 participou dos Jogos Para-Panamericanos de Guadalajara, no México, pra gente estava sendo uma coisa muito grande, ter um dos nossos atletas participando dos Jogos Para-Panamericanos e, de repente, o cara chega lá, ganha medalha de ouro, bate o recorde Panamericano e ganha uma medalha de prata na segunda prova dele. Aquilo, pra gente, foi uma coisa sensacional, já estávamos contentes por ter um atleta da nossa cidade participando dos Jogos Para-Panamericanos e, de repente, nós tínhamos um campeão recordista do Para-Panamericano, então cada vez mais abrimos os olhos para o seguimento da PCD, e é onde entra o meu irmão Natanael⁹, que chegou junto da gente, já vinha acompanhando, mas disse: “vamos organizar a instituição em termos dessa questão da burocracia”, e aí a gente tinha uma instituição aqui na cidade, que era de um amigo nosso, que já desempenhava um trabalho aqui, que era a ADECESF, Associação de Desenvolvimento Cultural e Esportivo do Vale do São Francisco, e como era uma instituição que estava regularizada em termo de ter CNPJ, tinha alguns problemas burocráticos que a gente conseguia resolver, então Natan pegou a associação e começou a dar uma organizada, e quando estava organizada, nós continuamos usando o nome APA Petrolina, porque era um nome consolidado, era um nome que as pessoas conheciam, e ele organizou, a gente começou a competir como competir como a ADECESF, com a nomenclatura APA Petrolina, que era um nome fantasia, até a gente mudar o nome dentro do próprio estatuto da associação para APA Petrolina, veio toda essa história, a instituição ficou regularizada como APA Petrolina porque era a imagem, a gente já tinha site, antigamente era blog, inclusive a gente ainda tem uns blog, blogspot pra fazer a divulgação da APA Petrolina, mas depois veio o site, as parcerias, e o grande foco da gente foi as parcerias com instituições como a Univasf, o Instituto Federal, o SESI, e em 2014, nós resolvemos sair do Parque Municipal e fazer nossos treinos nas dependências do SESI, coisa que não tem muito tempo, pra gente é recente, mas quando foi esse movimento para o SESI nós começamos a dar um foco maior nas provas de campo, de velocidade, porque até então era mais as corridas de rua e provas mais longas, começamos também trazer pessoas para dentro da instituição e o foco não era

⁸ Pessoas com Deficiência.

⁹ Natanael Pereira Barros.

mais só o Professor Marciano como treinador, lá no SESI o Professor Domingos¹⁰, que é professor do Colégio da Polícia Militar de Pernambuco, trouxe os seus alunos do CPM pra dentro da instituição e começou a atrair mais pessoas de outras escolas, começou com um trabalho de base e hoje está com grandes atletas paralímpicos e atletas regulares, mas trouxe para dentro da instituição e passou a ser um parceiro, professor voluntário do grupo, tínhamos o professor Givanildo¹¹, que até o momento era vigilante do SESI, assistindo, acompanhando nossos treinos e a gente fez o convite, ele veio e nós passamos alguns atletas para ele começar a orientar, era um estudante de Educação Física na época, e hoje é professor da instituição, e o Natanael ficou com essa coordenação geral da instituição, e como ele era estudante do curso de mestrado da Univasf, começou a estudar editais públicos para saber como a gente poderia buscar recursos para a instituição, começou a entrar algumas pequenas parcerias com Prefeitura, parcerias através de convênios com a própria Universidade, com o Instituto Federal e isso veio dando um suporte pra gente, começou a surgir também alguns patrocinadores e a questão dos projetos de lei, incentivados, que Natan começou a fazer a captação e hoje nós temos uma instituição onde temos grandes patrocinadores a nível nacional e internacional, como a Bayer do Brasil, que é a nossa principal patrocinadora hoje, através do projeto de lei do Governo Federal, que é um projeto que era do antigo Ministério dos Esportes, hoje Secretaria de Esportes, depois a gente tem hoje patrocínio de empresas como a Elo, River Shopping, Ara Agrícola, que foi um amigo que eu encontrei e ele disse que queria ajudar a instituição, começou a ajudar mensalmente, aquela pequena ajuda veio para nos fortalecer para que nós pudéssemos buscar outras coisas, até hoje está com a gente, a ARA Empreendimentos, e foi surgindo, temos outros patrocinadores que hoje fazem parte da instituição, e depois disso vieram os projetos, como a captação de imposto de renda, que todo mundo falava que as instituições esportivas podiam receber, mas na cidade ninguém recebia, a partir disso os meninos começaram a estudar, entender como funciona e hoje tem uma campanha muito forte do Imposto de Renda, Pessoas Físicas e Pessoas Jurídicas podem destinar até 3% do seu IR para a instituição e isso veio dar um suporte pra gente, atualmente a instituição tem mais de seiscentos atletas, distribuídos por todo país, eu, por exemplo, tenho uma gama de mais de duzentos atletas que eu passo treinamento semanalmente, envio esses treinos para esses atletas que trabalham mais com a parte de fundo, e vieram os grandes resultados, já

¹⁰ Domingos Rodrigues Nascimento.

¹¹ Givanildo Marcos.

conseguimos estar entre os primeiros colocados, nas principais maratonas do Brasil, ganhamos em Foz do Iguaçu, em Rio de Janeiro, melhor brasileiro em São Paulo, ganhamos maratonas no Recife, diversas provas pelo Brasil, além da base, os campeonatos de base, conseguimos levar delegações inteiras para os campeonatos de pista e o grande marco pra gente hoje é o nosso Paralímpico, somos os atuais campeões brasileiros, e falo isso com muito orgulho, porque estamos falando de um país que é potência paralímpica mundial, está entre as dez melhores nos Jogos Paralímpicos e a gente pode enaltecer e dizer que somos campeões brasileiros em um país que é potência paralímpica, com essa estrutura que nós fomos montando, que é de parceiros, de amigos, de voluntários, e a gente conseguiu chegar aonde estamos chegando, quando eu falo que temos grandes patrocinadores, mas temos patrocinadores para executar os projetos, e não para termos dinheiro na mão para poder dar para um atleta ir para uma viagem, não é assim, é uma coisa bem planejada, tudo certinho, nessa última competição paralímpica, nós fomos com mais de 40 atletas, se deslocando de Petrolina para São Paulo, de São Paulo para o local de competição, com hospedagem, com passagem aéreas, eles não custaram nada, nem alimentação eles pagaram, tudo isso custeado pela instituição, então a gente fica muito feliz em saber que aquilo que começou lá atrás, que tínhamos uma grande dificuldade para fazer uma viagem daqui para Senhor do Bonfim, porque não tínhamos recursos, tinha que ficar tirando de um e de outro, e hoje a gente consegue levar os nossos atletas para competições internacionais, como fomos três vezes para Espanha, para Alemanha, para Itália, são vários países do mundo que os nossos atletas estão chegando.

H.G. – Se recorda qual era o contexto do esporte, na cidade e na região do Vale do São Francisco, na época da fundação da APA, como estava o esporte?

M.B. – Claro. Me recordo muito bem, até porque eu era parte do esporte petrolinense, e a criação da APA veio por uma indignação, eu achava aquilo um desrespeito, por exemplo, eu, que já consegui dar oportunidade a mais de três ou quatro mil atletas, para estarem participando de competições em Recife, nunca tive uma oportunidade de ir, nunca fui numa competição onde alguém da instituição, do poder público desse um apoio, e eu vencia todas as corridas que tinham na nossa região e nunca tive a oportunidade de participar dos jogos em Recife, sou recordista dos jogos escolares e nunca tive essa oportunidade de estar lá, de participar de uma competição oficial, desconheço qualquer

atleta anterior a minha pessoa a ter participado de competições oficiais como federado em Petrolina, aquilo me incomodava, quando a instituição foi criada, quando abdiquei de salários em escolas, de propostas, para poder ficar de forma voluntária, era porque essa situação estava me incomodando, as pessoas só eram atletas para participar de jogos escolares, acabavam os jogos e tinha que escolher um ramo para trabalhar e isso ainda cheguei a ver muitos atletas, até mesmo quando a instituição já estava criada, a gente não ter esse suporte para os atletas, por exemplo, um atleta do salto triplo, recordista pernambucano, na época, com quinze metros e quarenta, dezesseis anos de idade, a gente perder para o Ceasa, para o carregamento de frutas, pra se ter uma ideia do que é 15,40m, o João do Pulo, que foi um dos maiores saltadores que o Brasil já teve, apareceu para o esporte saltando 14,89m aos dezoito anos, e nós tínhamos um garoto, com dezesseis anos, saltando 15,40m, e nós perdemos esse cara no esporte por falta de política que desse um suporte, uma pequena ajuda, uma bolsa. Eu relato isso porque eu estava no aeroporto aguardando ele, numa quinta-feira, na madrugada da quinta pra sexta, estávamos indo para os jogos em Goiânia e ele não apareceu para viajar, o Estado de Pernambuco tinha bancado essas passagens para participar dos jogos escolares e eu liguei pra ele e não atendeu, e quando eu cheguei em Goiânia e liguei, ele me disse: “professor, eu não fui para os jogos porque se eu fosse, na minha casa não teria o que comer, porque na sexta-feira era o dia que eu ia receber o meu dinheiro do Ceasa”, aquilo me matou, saber que perdemos um atleta porque não tinha cem reais pra deixar pra mãe comer no final de semana, e hoje não chegou a ser um grande atleta, é um grande pessoa, é importante saber que se tornou um cidadão, mas a gente poderia ter um campeão mundial, um recordista mundial, e a falta de política pública fez com que a gente perdesse, isso eu estou falando de algo mais recente, 2007 ou 2006, e lá atrás, anterior a 2003, que foi quando surgiu a instituição, não tinha direcionamento, e essa falta de políticas públicas que nós temos em muitos municípios até hoje, era o que me incomodava lá atrás. O surgimento da APA veio por essa necessidade que eu tinha de poder contribuir, e dessa forma, criando a instituição, foi algo que eu imaginava que poderia estar contribuindo com a nossa cidade.

H.G. – O senhor já falou de alguns apoios no início, e de algumas situações, tem mais algum apoio para citar? Quais foram os desafios e quais foram as dificuldades para a fundação da APA?

M.B. – As dificuldades foram grandes, como eu falei, não foi um, nem dois anos, a APA foi fundada em 2003 e nós passamos muito tempo dependendo de políticas públicas, eu nunca fui de estar criticando e batendo no poder público, eu sempre acreditei e sempre falava nas minhas entrevistas que a necessidade da gente eram políticas públicas, porque a gente precisava de projetos para que isso pudesse continuar por muito tempo, eu sempre coloquei que na nossa cidade, a questão do esporte, do futebol, o pessoal dizia que o futebol é quem ganhava tudo e nunca achei isso aqui em Petrolina, se o futebol ganhasse tudo, nós tínhamos um time de primeira divisão, de Série A, de Campeonato Brasileiro, porque Petrolina é uma cidade grande, que está com várias cidades de potencial no futebol ao redor, e não tem um time de futebol, então, nem o futebol eu acredito que seja beneficiado, porque nós temos uma “política da filantropia”, as pessoas se contentam com a bola, com cem reais, com cinquenta reais, e acham que aquilo é patrocínio, é tanto que hoje, quando eu vou pedir a pessoa pergunta logo onde o nome da vai ficar na camisa, e eu digo que o nome não vai ficar na camisa, nós iremos te agradecer pelo apoio, mas esses nomes na camisa são os nossos patrocinadores, se você quiser entrar lá, vai ter que patrocinar a instituição. Hoje a gente fica ensinando às pessoas que não é assim, que não é colocar o nome porque me deu cem ou duzentos reais, nós temos nossos patrocinadores, se quiser patrocinar a instituição, nós estamos abertos. Essa “política da filantropia” foi o que sempre atrapalhou, hoje nós temos patrocinadores da instituição, alguns atletas recebem apoios, por exemplo, não temos atleta hoje que seja patrocinado diretamente com contrato de exclusividade, a gente recebe, até das grandes empresas, como Nike, Olimpikus, Adidas, propostas irrisórias, a gente percebe que eles estão acostumados a tratar com o esporte de forma bem defasada em termo de divulgação, dizem que querem patrocinar dando material esportivo para o atleta correr, mas o atleta não vive somente de material esportivo, ele tem família, precisa de uma ajuda mensal. Quando alguém vêm me procurar, eu vou primeiro explicar pra eles como funciona, a instituição, hoje, pode dar o material para o atleta, a gente não quer somente divulgar sua marca, queremos a coisa de uma forma correta, hoje nós temos uma equipe de marketing que faz isso pra gente, não é mais aquele Marciano, que era nutricionista, fisioterapeuta, médico, que era tudo não, atualmente cada um tem as suas funções.

H.G. – Professor, o senhor se recorda da primeira diretoria da APA?

M.B. – Sim. Quando nós fundamos a instituição, nós tínhamos como Presidente o Professor Ronilson, Como Vice-Presidente, o Professor José Carlos Santana, como Primeira Secretária, a Profa. Edileuza, como Segundo Secretário, o Professor Fabrício, e eu estava na parte da Diretoria Técnica da instituição. Como falei, a gente criou, registrou no cartório, mas a gente nunca pediu um CNPJ à Receita Federal, e depois, quando foi para um registro original, nós tivemos na presidência o Professor Natanael, que foi o presidente da instituição, junto a ele nós tínhamos uma pessoa que fazia parte da Diretoria da instituição, Professor Adriano¹² como vice-presidente, eu nunca fui presidente, fundei, sempre fiz o trabalho, mas eu sempre fiz parte da diretoria técnica, atualmente o presidente é o Professor Domingos¹³ e eu estou como vice-presidente da instituição, mas eu nunca fui presidente pela demanda de atletas que eu tenho, eu sempre pedi pra ficar em “stand-by”, com menos trabalho na parte burocrática, mas eu lembro perfeitamente de toda a diretoria.

H.G. – O senhor falou um pouco no início, mas pode lembrar em quais locais se deram os primeiros treinos?

M.B. – Os primeiros treinos da APA, formada, foi no Parque Municipal, a gente treinava por volta de três vezes por semana, além dos treinos de final de semana, mas o ponta pé inicial foi no parque, antes do Parque Municipal era apenas o treino escolar, que acontecia no Bairro José e Maria, na casa da minha mãe, mas enquanto APA foi dentro do Parque Municipal, até a saída do parque e o deslocamento para o SESI, momento em que ampliou o número de provas.

H.G. – Se recorda data que ocorreu, que nasceu essa parceria com SESI, em disponibilizar o local dos treinos?

M.B. – No Parque Municipal começamos efetivamente no ano de 2004, em 2003 a gente fundou, em 2004 a gente começou esse trabalho, e, a partir de 2014, nós nos deslocamos para o SESI, para ficar com os treinamentos dentro do SESI, então de 2014 para cá foi quando iniciamos o trabalho dentro do SESI de Petrolina.

¹² Adriano Cunha Dias dos Santos.

¹³ Domingos Rodrigues Nascimento.

H.G. – Quais foram os primeiros colaboradores e parceiros da APA?

M.B. – Nós tivemos muitos parceiros, muitos colaboradores, mas os patrocinadores foram os “patrocinadores”, foram os pais dos próprios alunos, foi quem mais incentivava, nós tivemos tanto em Petrolina, quanto em Juazeiro, em termo de patrocinadores, vou nem falar porque tivemos tantos atletas na instituição, que receberam pequenas e grandes ajudas de pessoas da nossa região, que ficaria até injusto eu comentar, eu vou citar, diretamente, como patrocinador, primeiro recurso que entrou dentro da instituição, como patrocinador, foi da ARA Agrícola, que é um amigo recente, coisa de quatro a cinco anos atrás, a gente conversando na orla, no clube de corrida, e ele disse que queria saber uma forma de poder ajudar a instituição, e nós firmamos um contrato com ele, e nesse contrato ele passou a ajudar a instituição, esse recurso caia na conta da instituição e nós, em contrapartida, enviamos uma menina, que era estagiária, estudante da Univasf, para dentro da Empresa dele, para prestar serviço dando aulas para os filhos dos colaboradores, duas vezes na semana ela se deslocava para dentro da fazenda, o ônibus da fazenda ia buscar os filhos dos colaboradores nos bairros e levava pra dentro para dar iniciação ao atletismo, era nossa contrapartida, e ele colocava um pequeno recurso, que ajudou muito a instituição, foi a ARA Agrícola, na pessoa de Antônio Lucena, que veio dar esse suporte. Antes disso, sem ser formal, tivemos vários patrocinadores do Recife, que davam ajudas para poder bancar os atletas em algumas competições, e as parcerias, a primeira parceria feita foi com o IF, que começou a ceder o transporte pra a gente, começamos a se deslocar com essa parceria do IF até hoje, o Instituto Federal tem essa parceria com o transporte, a gente paga apenas as diárias do motorista, as vezes um combustível, numa parceria muito boa, que alavancou muito o crescimento da instituição, porque o grande problema da gente era viajar, a gente não tinha essa parceria. Temos hoje o patrocínio da Prefeitura Municipal de Petrolina, que nos últimos anos aporta um recurso financeiro para pagar a nossa Confederação Brasileira de Clubes, uma mensalidade de quatro mil e duzentos reais, que a gente paga para estar inserido dentro do processo, a prefeitura arca com uma ajuda de custo que a gente consegue pagar essa Confederação Brasileira de Clubes, nos últimos três anos temos parceria com a prefeitura, e isso é importante demais para o nosso crescimento, sem esse recurso, nós não tínhamos condições de pagar uma mensalidade de mais de quatro mil reais, é algo que veio somar muito e com isso nos oportunizou a estar presente nas competições e a gente concorrer a editais de material esportivo e outras coisas.

H.G. – Professor, o senhor fez um registro que eu queria detalhar mais um pouco porque é muito interessante. A APA nasceu, com CNPJ, como instituição, em 2003, não é?

M.B. – Ela foi fundada em 2003 com registro, CNPJ foi a partir de 2006.

H.G. – Então já havia um embrião da APA, anterior a isso, tanto que já era conhecida por APA, e em 2003 veio o registro, então a gente entende que a partir daí, poderia surgir patrocinadores, toda uma situação que uma associação registrada pode ter direito, pode ter acesso, e aí o senhor me disse que um amigo recente, de cinco anos atrás, o proprietário da empresa ARA Agrícola, foi o primeiro patrocinador da instituição, a gente fica querendo saber qual o lapso de tempo da “existência”, com CNPJ, com registro da APA, e o primeiro patrocínio, se recorda a data que foi assinado esse contrato, porque é um registro importante do lapso temporal, que não deve ser pequeno, que a APA passou sem um patrocinador oficial.

M.B. – Eu estimo em torno de quinze anos, porque em 2003, quando a gente criou a instituição, foi com a ideia de que ter uma instituição regularizada, era isso que os gestores municipais falavam, que precisavam de uma instituição regularizada, e a gente regularizou, mas nunca chegou patrocínio, fomos atrás, reivindicamos, cobramos, mas nunca houve interesse do poder público em chegar junto e dar qualquer tipo de convênio à instituição. No ano de 2015 ou 2016, não me recordo bem, nós fizemos o primeiro convênio, não era um patrocínio, era um convênio para realizar um festival inclusivo, da Prefeitura Municipal de Petrolina, com a instituição. Firmamos esse convênio com a Secretaria de Acessibilidade, não com a Secretaria de Esporte, pois tinha um secretário, na época, que queria dar um suporte à instituição, ele fez esse convênio, acho que foi em 2010, e com esse convênio ele pode pagar algumas passagens para as pessoas com deficiência irem para as competições paralímpicas, mas foi um pequeno convênio feito para que a gente realizasse um festival inclusivo e a sobra do dinheiro ser destinado aos atletas que iriam participar de competições paralímpicas, então nós tivemos essa competição, que ocorreu em Belém do Pará, que foi na época que o Daniel estava em ascensão, e nós tivemos esse convênio, mas patrocinador, que o dinheiro entrou na conta para que a gente pudesse

movimentar com uma compra de material esportivo ou alguma coisa assim, isso só a partir da ARA Agrícola.

H.G. – Se recorda quais foram os primeiros atletas/alunos da APA?

M.B. – Tenho sim. Inclusive eu tenho imagens, vou mandar pra você, dos primeiros atletas da instituição, que foi no ano de 2003, que a gente realmente iniciou em 2004, vou citar atletas que até hoje estão com a gente, que é o Edson Amaro¹⁴, o Justino Pedro, a Simone Daiane¹⁵, são os que ainda estão em atividade, tem o Josoaldo, também, que veio com a gente desde o início, 2004 ou 2005, que ele chegou na instituição, e, inclusive, não tinha deficiência, era um atleta regular, foi um dos primeiros atletas que veio a compor aquele grupo que treinava no Parque Municipal e foram buscando seus resultados individuais e hoje se tornaram grandes atletas, grandes pessoas e grandes cidadãos.

H.G. – Quais as principais mudanças na APA Petrolina, desde a sua criação até os dias atuais?

M.B. – A mudança, ela é radical porque, até então, nós tínhamos uma instituição onde o que prevalecia era apenas o grupo de atletas que treinavam, a gente não tinha muito “feeling” com a parte burocrática da instituição, e hoje a gente consegue ter um planejamento, antigamente a gente pensava numa prova e corria numa batalha de tentar alguma ajuda com uma pessoa e com outra, e quando não conseguia, muitas vezes, tínhamos que pagar, tinha que estar fazendo uma reserva pra ter esse dinheiro para ir para as competições. E outra coisa que acontecia muito era os atletas irem para a competição pensando em ganhar a premiação para poder pagar suas despesas, isso acontecia muito, a gente era muito oriundo da corrida de rua, uma prova de pista, quando acontecia era raramente, quando recebia uma passagem para poder ir. Teve um fato que aconteceu em 2010, que foi com o atleta da marcha atlética, o Iago Garcia¹⁶, que no final do ano de 2009 ia ter uma competição em janeiro de 2010, e eu fiz uma matéria com ele, no Jornal de Juazeiro, ele marchando no meio da rua, inclusive eu tenho essas imagens, marchando descalço no meio da rua, para pedir para que alguém pudesse dar as passagens para ir para

¹⁴ Edson Amaro Arruda dos Santos.

¹⁵ Simone Daiane de Aquino.

Recife, participar da competição, e eu recebi a promessa de alguém e supermotivado disse pra ele que a pessoa iria dar as passagens, mas a pessoa não deu as passagens, e eu fiz questão de comprar as passagens pra ele, liguei para um amigo de Recife, que inclusive era concorrente nosso, e perguntei se ele podia dar esse suporte ao garoto de apenas quinze anos, ele me respondeu que daria todo o suporte, que o pegaria na rodoviária, que o deixaria de volta, e quando chegou lá, o garoto fez uma marca expressiva, ganhou o Campeonato Pernambucano, tinha três meses, começou a treinar em outubro, novembro, dezembro, início de fevereiro foi a competição e quando eu olhei o resultado, ele ficava entre os melhores do Brasil, e agora, tenho que correr atrás de uma passagem, e o Professor Abraão¹⁷, de um clube de Recife, disse que ia pedir à federação e, se a federação desse a passagem do atleta, ele dava a minha para ir para o Campeonato Brasileiro, e a federação deu a passagem dele e o clube comprou a minha saindo de Salvador, viajei com ele pra Timbó, em Santa Catarina, e chegando lá o garoto é campeão brasileiro, eu só pensei, fiz uma pequena matéria para provocar as pessoas a darem uma ajuda, não consegui a ajuda, mas a gente tirou do bolso, pagou para ele ir e o cara se tornou campeão brasileiro, logo em seguida nós tivemos a convocação dele para o Sulamericano, que aconteceu em Cochabamba, na Bolívia, e tivemos a presença da Rede Globo, com o Globo Esporte nacional fazendo a matéria com ele, na época, foi o André Gallindo que veio, tivemos o Léo Batista¹⁸ anunciando o atleta aqui da região, que com poucos dias de treino já estava na Seleção Brasileira, depois se tornou um grande atleta, hoje mora na Rússia, não está mais no esporte, mas ficou por muito tempo dentro do esporte, mas foi uma coisa que a gente acreditou, naquele pequeno momento, e o cara conseguiu chegar onde chegou, campeão brasileiro, recordista pernambucano, recordista Norte-Nordeste, só um pequeno gesto, uma pequena passagem que a gente poderia dar naquele momento, esse nós não perdemos, como no outro caso.

H.G. – Quantos atletas/alunos a APA possui hoje?

M.B. – Atualmente, a dimensão da instituição está além do meu conhecimento, mas hoje eu acho que a instituição está passando dos seiscentos atletas, entre atletas filiados e atletas que não estão filiados, mas recebem o suporte da instituição, e nós iremos agora no

¹⁶ Iago Pereira Garcias.

¹⁷ Abraão Joaquim do Nascimento.

próximo mês aumentar, abriremos um núcleo de escolinhas esportivas com mais trezentos alunos, que é um projeto aprovado pela instituição APA Petrolina para beneficiar a cidade com dois núcleos, um vai funcionar no SESI e ou na pista de atletismo do Instituto Federal, no João de Deus, onde já estão contratados dois professores e dois estagiários, que passarão a integrar a equipe APA Petrolina, agora não seremos mais quatro funcionários, seremos oito funcionários.

H.G. – Se tratando de quantitativo, o senhor fica muito feliz, todos nós, a região do Vale do São Francisco fica lisonjeada em poder aumentar esse número de atletas/alunos beneficiados pela APA, são muitas histórias de vida, de melhoria da qualidade de vida, de sucesso, de metas, de objetivos, então de seiscentos para novecentos alunos/atletas vai aumentar esse público em torno de cinquenta por cento. A falta de parceiros, patrocinadores e a atuação do poder público atrapalham muito nessa questão de abarcar um maior número de atletas e treinadores e transformar mais vidas?

M.B. – Quanto mais apoio, quanto mais pessoas estimulando a prática do atletismo, melhor, uma coisa que eu sempre gostei e gosto dentro da instituição é que nós não nos limitamos aos “nãos” que recebemos. Antigamente, quando era só Marciano, e recebia um “não”, saia decepcionado, triste, arrasado, acabado, que não queria mais isso na minha vida e aquilo ali foi me fortalecendo e hoje, quando alguém dá um “não” para a instituição, eu viro e imagino que quem perdeu foi o outro lado, hoje a gente pode abrir a boca e dizer que nós temos ajudado cada dia mais os nossos atletas, somos uma instituição que temos mais de sessenta atletas bolsistas, que recebem recursos de programas de Governo Federal e Estadual, são mais de sessenta bolsistas, são sessenta pessoas que estão sendo ajudados pelo esporte, uma bola de mil reais é pouco, mas para quem não tinha nada é muita coisa, e a gente vê cada vez mais os atletas novinhos com dezesseis, dezessete anos, dizendo que quer se tornar um atleta, que quer receber uma bolsa dessa, que quer ter uma ajuda dessa pra ajudar na sua casa. Temos atletas hoje que recebem quinhentos reais de ajuda e temos atletas que recebem mais de quinze mil reais, como apoio, por estar dentro do esporte, é uma coisa que mudou a vida de muita gente, muitas vezes uma pessoa com deficiência, que dentro da casa dele era considerada uma pessoa escanteada e hoje, dentro de casa, ele tem que ser tratado como diamante, porque ele que mantém a casa através do esforço dele.

¹⁸ Apresentador João Baptista Bellinaso Neto, conhecido como Leo Batista.

Isso é importante demais, isso gratifica a gente, nunca mais eu irei me limitar com os “nãos” que a gente recebe, os “nãos” só nos fortalecem, quem perde é quem dá aquele não.

H.G. – Na sua visão, quais foram as principais conquistas da APA?

M.B. – As principais conquistas, pra mim, a principal conquista da instituição foi a questão da gente a instituição regularizada e organizada, a organização da instituição foi o principal marco para a nossa região, nós termos uma instituição regularizada, onde a gente consegue fazer uma captação de recursos, buscar patrocinadores, isso foi algo que eu classifico como uma grande conquista. E, entre resultados de atletas, os Campeonatos Brasileiros Paralímpicos, esse de 2022 foi uma grande conquista, foi o título de campeão brasileiro, e também as grandes conquistas das provas principais no país, por exemplo, citar a Maratona do Rio de Janeiro, fizemos uma dobradinha na maratona, batemos o recorde da principal maratona da América Latina, está lá com a APA em primeiro e segundo lugares, e terceiro no feminino, foi algo que deu uma alavancada, nós já tínhamos tido um resultado muito expressivo em 2017, com Edson Amaro, quando foi o melhor brasileiro na maratona de São Paulo, quando começou a aparecer um atleta da APA, foi interessante, as maratona pelo país, a conquista da terceira colocação na Itália, em Pádova, foram resultados expressivos, mas eu sempre bato que esses grandes resultados por equipe estão sendo as grandes conquistas da instituição, uma coisa que as pessoas não vão entender, nós recebemos um selo de boa gestão da Secretaria Especial dos Esportes, e aquilo pra gente é uma conquista, nós sabemos que apenas dois clubes no país, que trabalham diretamente com o atletismo têm esse selo, isso é uma das grandes conquistas que nós temos.

H.G. – Quais foram as histórias de atletas/alunos mais marcantes durante seu tempo na instituição?

M.B. – Eu tenho vários atletas que marcaram, mas eu vou citar uma dupla que saiu de Dormentes em 2004, pra vir pra cá para a instituição, conversamos em uma das corridas, que foram o Josoaldo e o Justino, eu falo nesses dois porque foram histórias de vidas que vieram como objetivo de ser tornar atleta, o Josoaldo, na época veio pra cá já era órfão de pai e mãe, perdeu o pai com quinze anos e oito meses depois a mãe, era filho único e veio pra cá treinar com a gente, moravam os dois juntos, o Justino e o Josoaldo, até o Justino

casar, mais ou menos no ano de 2006 ou 2007, ele casou e o Josoaldo foi morar sozinho e em dezembro de 2007 o Josoaldo sentiu uma forte dor no olho e perdeu a visão do olho, de ambos os olhos, já havia perdido outra visão aos nove anos, e eu acompanhando aquilo ficava meio desesperado, vendo ele perdeu a visão, porque eu acho que um dos bens maiores que nós temos é a nossa visão, certo que se nós perdermos um braço faz falta, a falta de audição faz falta, não falar faz falta, mas você ficar cego, e a partir de agora tudo na escuridão. A gente estava começando no paralímpico, não era uma coisa que a gente vivenciada há muito tempo, começando com os deficientes físicos, essa inclusão que as pessoas falam, que o deficiente físico tem que ser incluído, mas tem muitas deficiências e o deficiente visual pra gente assustava, e a gente começou a entender, eu comecei a ir pra casa dele, ele ainda perdendo a visão e eu conversei com ele e disse: “Josoaldo, se tu perder a visão, a gente pode colocar você para competir como deficiente visual, no paralímpico, e agente tem um atleta guia, que a gente bota do lado, e você vai correr e tal”, e ele foi se motivando com aquilo, era perdendo a visão e ainda com aquela visão no esporte, e ele chegou para o médico, na época dele, dizendo que era atleta e só queria entender se ia continuar correndo, e ele me disse que o médico virou pra ele e perguntou como ele iria correr cego, e ele só disse: “não doutor, existe o atleta guia”. Mas é irrelevante, ele não gosta de citar o nome, eu também não vou dizer quem é, muita gente vai saber. Ele perdeu a visão no dia 15 de dezembro de 2007, quando foi no mês de fevereiro de 2008, ele passou por outros problemas, estava completando 22 anos e passou a não receber mais a aposentadoria que era dada aos órfãos, e naquele momento cego e sem os recursos foi uma coisa que marcou muito na vida, porque eu sei o quanto ele passou por dificuldades até restabelecer e conseguir novamente o benefício dele, ficou sem dinheiro, cego, sem família, só os tios, um primo, ou alguém que desse esse suporte, e ele de cabeça erguida o tempo todo, voltou a treinar mesmo com a visão abaixo do normal, ia pro Parque Municipal, conseguia ver o meio fio branco, e ele corria acompanhando só o meio fio e as vezes tinha alguém na frente e ele batia, quando eu olhava, ele estava lá no chão caído, e naquele processo, ao lado do Parque Municipal tinha aquela turminha que se reunia, inclusive com uso frequente de drogas, e tinha um que era muito empolgado comigo, e sempre queria correr e eu certa vez chamei ele e disse: “cara, eu quero te dar uma missão, tem um cara aqui pra você guiar, pra você ser um atleta guia, você topa?”, ele disse que topava e eles começaram essa parceria no final de 2008, e esse cara se tornou os olhos desse atleta, e eles estão até hoje no esporte paralímpico, foi uma coisa que mudou a vida

deles, ele empresta os olhos para um atleta cego, os dois entre os melhores do Brasil, desde de 2008 até 2022, entre os três primeiros do país. É uma das histórias que me marcou muito dentro da instituição, a história do Josoaldo. E falando do parceiro dele, o Justino, que depois veio a conquistar bolsa, resultados, em 2014 venceu a Meia-maratona Tiradentes e eu tive a oportunidade de botar ele no principal clube de corrida de rua do país, que era o Cruzeiro Esporte Clube, foi contratado, passou de quatro a cinco anos dentro do Cruzeiro Esporte Clube, só que foi ceifado pela vida em termo do alcoolismo, apesar de ser atleta, desde a sua infância fazia consumo de álcool, principalmente de álcool destilado, que é um coisa que vicia muito as pessoas, mas ele conseguia, ainda, beber e correr. Começou a ganhar dinheiro, estava entre as principais provas do país, sempre estava brigando por medalha, e, por uma questão estrutural, familiar, ele caiu no mundo do alcoolismo, foi demitido do Cruzeiro, as pessoas começaram a perceber que ele era uma pessoa alcóolatra, que era uma pessoa que corria, mas bebia, corrida com bebida não combinam, mas era uma questão de doença e não de curtição, como acontece, e isso acontece muito dentro do esporte, e eu passei a estudar essa questão de alcoolismo entre maratonistas, ele era um cara que tinha resultados que expressivos, mas chegou ao fundo do poço, perdeu os bens que tinham construído, perdeu a família, foi trabalhar na roça, e quando chegou um período recente, na pandemia, a coisa do alcoolismo piorou mais ainda, a família já tinha ido embora e ele passou a morar sozinho e se sentir uma pessoa sozinha, mas nunca deixou de treinar e certo dia, nessas conversas ele disse que ia mudar a vida dele e começou a ter resultados, vendo que a bebida não estava ajudando em nada, só estava atrapalhando, acabando com a vida dele e ele botou aquilo como meta pra saída, foi em 2020 para 2021, e em maio de 2021, há um ano atrás, ele ainda estava trabalhando na roça, saía seis e meia da manhã e chegava cinco e meia da tarde, quando saía de manhã já tinha feito o treino dele e ia trabalhar o dia todo na enxada, na roça, pra ganhar diárias de quarenta e cinco reais, sempre reclamando, mas dizendo que ia mudar a vida dele, e a partir do mês de agosto começou a competir, a ter um bom desempenho, parou totalmente com a bebida, encontrou uma pessoa que estava ajudando muito ele, na questão familiar. No final de setembro começou a ter resultados expressivos, a meia maratona que o pessoal começou a estranhar as marcas dele, em outubro do mesmo jeito, no final de outubro correu uma maratona e foi segundo lugar na Paraíba e quando em 15 de novembro o cara vai para o Rio de Janeiro e bate um recorde da Maratona do Rio de Janeiro, um recorde que durava vinte anos. Aquilo foi um estouro, depois foi campeão brasileiro de cross-

country, foi sétimo colocado na São Silvestre, foi só crescimento e está hoje despontando como um dos grandes atletas do Brasil, pra mim o melhor atleta, que reside aqui no Brasil, é o Justino, os melhores atletas que nós temos, e não vou ficar surpreso se o Justino, mesmo aos 37 anos, que faz agora, dia 01 de junho, ser o nosso representante nos Jogos Olímpicos de 2024.

H.G. – Na conquista de Justino, sua expressão, sua emoção, ficou marcada nas redes sociais, foi comentada por todos e parabenizada e curtida, foram várias curtidas, e você agora, contando a história de Justino me fez lembrar. Aquela emoção era só a conquista de um título, ou tinha mais coisas envolvidas?

M.B. – Não era a conquista de um título, o título era importante, como falei lá atrás, o meu treinador foi tricampeão da Maratona do Rio, então sempre ouvi muito falar da Maratona do Rio, foi uma coisa que me marcou muito, mas o que estava naquela emoção, engasgado naquele choro, pouca gente viu, mas que a lágrima estava correndo, foi uma conquista de vida, o cara estava fazendo uma história, aquela história jamais vai ser apagada. Eu estava vendo ali uma mudança na vida de uma pessoa, e é o que está acontecendo até hoje, aquilo está mudando a vida dele, aquela maratona não é o prêmio, não é o resultado, mas sim o que a gente vinha acompanhando, o trajeto, o cara estava batendo o recorde da principal maratona do Brasil, um cara que a poucos dias atrás estava no fundo do poço. O que o esporte não pode modificar, hoje eu vejo Justino dando exemplo para as pessoas, fazendo entrevista e dizendo para as pessoas entrarem no esporte, dizendo que o esporte pode mudar a vida das pessoas como mudou a dele. Um cara que era todo calado, que se envergonhava do sorriso, porque estava com a boca toda maltratada da vida, da expressão do rosto, hoje ele sorri, tá diferente, você olha para o Justino e vê no Brasil todo que as pessoas têm um carinho por Justino, ele estava no Pará em Paraopebas há duas semanas atrás e me mandou uma mensagem dizendo: “Marciano, eu não entendo, as pessoas gostam tanto de mim aqui, nem me conhecem, todo mundo gosta de mim aqui, cara, eu queria entender isso”, e eu disse que a simplicidade dele conquistava o povo em qualquer lugar, ele é um cara simples, humilde, e a gente tá falando do campeão da Maratona do Rio, do recordista, do cara que tem a melhor marca em maratonas do ano de 2021 e 2022, ninguém correu isso no Brasil, e agora, no próximo dia 19, vão ter que superá-lo, vai correr novamente a Maratona do Rio. Aquela expressão era a expressão de uma pergunta que

você me fez, aquilo ali me marcou, me marcou muito, é tanto que na reportagem que nós fizemos para a Rede Globo eu não contive as lágrimas, porque eu sei do sofrimento dele, teve uma frase que eu disse pra ele, que ele sempre comenta com as pessoas, eu disse pra ele: “Justino, eu nunca vou desistir de você, eu nunca vou desistir de você”, e outra coisa, eu recebi muitos conselhos de pessoas que estão próximas a mim, dizendo para deixar ele pra lá, que ele não queria nada, eu recebi várias vezes isso, e eu disse que nunca ia desistir dele, e a frase que me marcou foi da mãe dele, que disse: “obrigado por não ter desistido do meu filho”, aquilo foi diferente, e ele reconhece isso.

H.G. – Qual a posição da APA Petrolina, hoje, no cenário nacional?

M.B. – Se a gente for falar enquanto instituição, nós estamos num patamar, ainda faltam muitos resultados a nível de competições regular, nós estamos galgando degrau a degrau, pra poder chegar, hoje nós temos atletas campeões brasileiros em várias categorias de base, temos campeões brasileiros paralímpicos, esse título de campeão brasileiro paralímpico, é um título, claro, importante, é uma das maiores conquistas que nós temos, mas estamos caminhando passo a passo, uma coisa que eu sempre falei, eu disse que a gente vai mostrar nossa instituição, como a gente está fazendo isso, mas a gente vai ter que enxugar pra transformar os nossos atletas em potências, em grandes atletas que podem brigar por campeonatos mundiais, hoje temos atletas, acho que são oito líderes de ranking nacional paralímpico, temos atletas de rankings sem ser paralímpico, campeões, como citei anteriormente, em provas de cross-country, seleção brasileira, a gente sempre está com ou outro atleta em uma das seleções, a gente vem ganhando, mas não somos ainda um clube em potência só dentro do esporte olímpico, nós temos algumas dificuldades, no troféu Brasil dificilmente ganhamos uma medalha ou outra, mas estamos chegando, esse ano, por exemplo, é um que a gente não acredita que pode ter medalha no Troféu Brasil, alguns anos anteriores a gente somava uma pontuação entre os oito, mas ainda não somos um clube que briga por um Troféu Brasil, nós brigamos por um Campeonato Brasileiro Paralímpico, mas um Troféu Brasil ainda não, porque o nosso investimento ainda é um investimento de base, mas nós estamos fazendo a coisa correta, porque temos que investir na base pra que a gente tenha uma casa sustentada, você que trabalha na questão da construção, entende que se não tiver uma base, você não tem uma casa boa, e isso a gente tá fazendo.

H.G. – A APA, como instituição de esporte paralímpico, que tem no seu meio pessoas com deficiência e pessoas sem deficiência, então a APA a nível de instituição paralímpica, após essa conquista do primeiro lugar do Campeonato Paralímpico Brasileiro, entre muitas equipes, inclusive de São Paulo, acredito que era uma das maiores metas da APA, hoje considera a APA, no atletismo paralímpico, como a primeira do Brasil, nesse momento?

M.B. – No papel sim, nós estamos na primeira colocação do país, em termo de instituição, pois nós nos preparamos pra isso, em 2017 fomos vice-campeões, em 2018 fomos sexto lugar, em 2019 fomos quinto colocado, em 2020 fomos campeões regionais Norte-Nordeste, 2021 fomos para os campeonatos em Recife, ficamos na segunda colocação Norte-Nordeste, e em 2022 nós nos programamos pra poder tá somando ponto em várias provas, levamos uma delegação grande pra estar entre as melhores do país e conseguirmos esse título de campeã nacional, acho que foram 114 clubes participantes, clubes, inclusive, que tem um potencial relacionado ao nosso muito maior, nós não pagamos nossos atletas e têm clubes lá que pagam aos seus atletas para participarem, mas nós nos organizamos enquanto instituição fomos organizada para nos tornar campeã, tanto que tivemos mais de cem pontos de diferença para o segundo colocado, e isso foi graças a um planejamento que foi feito para que pudéssemos estar lá entre as melhores.

H.G. – Como são organizadas as rotinas de treinamento atualmente, isso se modificou ao longo do tempo?

M.B. – Bastante. Hoje nós temos vários professores na instituição, como te falei, quando começou só tinha Marciano, eu era o único professor que trabalhava com esporte dentro da APA, os outros que chegavam eram apenas para completar, para ir para uma viagem ou outra, mas eu trabalhava desde os saltos, arremessos, eu sempre fazia tudo, e a gente começou a passar funções pra as pessoas que vinham chegando, e hoje eu trabalho apenas com os atletas de fundo e meio-fundo, eu não trabalho mais com velocidade, não trabalho mais com saltos e arremessos, nós temos os treinadores dentro da instituição que trabalham nessas áreas, então a minha rotina de treino é um pouco puxada, porque para preparar planilhas para muitos atletas não é fácil, mas hoje eu tenho um grupo muito forte de fundo, no Brasil todo, eu sempre falo que eu tenho uma das melhores bases de fundo e meio-

fundo do país, por exemplo, Troféu Brasil só vão atletas com índice, na prova dos 1.500m eu tenho três atletas participando pela APA na prova dos 1.500m, e eu vim começar trabalhar com essas provas de fundo agora na pandemia, através da internet, eu tenho um atleta em Guanambi, na Bahia, tenho um em Jacobina e tenho outro em Recife, três atletas que comecei a trabalhar através do whatsapp, das redes sociais e que hoje estão na instituição e são grandes atletas, com potenciais e, inclusive, com medalhas em campeonatos brasileiros. E os atletas de fundo, de provas de 10.000m, de maratonas, então a gente tem a dificuldade de construção dos atletas de fora, mas os atletas que estão presentes diariamente aqui, nós temos estagiários que acompanham os nossos atletas, e cada treinador planeja suas planilhas e dá super certo.

H.G. – É verdade que o senhor tem intenção e está caminhando para se especializar somente em maratonas?

M.B. – Sim. É o meu objetivo, já era pra eu estar somente com maratonas, mas devido a necessidade a falta de alguns profissionais para direcionar para essas provas de meio fundo, eu tive que abarcar o meio-fundo ainda, que é uma prova que gosto muito, fui atleta de meio-fundo, então eu fiz alguns cursos, inclusive recentemente fiz um curso com um dos melhores consultores, um curso dado pela CBAAt, o que me motivou um pouco mais a ficar trabalhando com os atletas de meio-fundo, mas o meu objetivo é partir somente para maratona, para que a gente possa buscar resultados a nível mundial, a gente está presente em campeonatos fora, em grandes maratonas, e eu gosto de estar lendo alguns artigos, acompanhando alguns treinadores, porque dentro do treinamento em si você não tem uma literatura pra dizer que essa sim, é a literatura correta pra poder trabalhar, a gente tem que tá observando acompanhando, eu também tenho a minha literatura, eu também tenho meu método de treinamento, que eu fui buscando, adquirindo durante o tempo, e as vezes quando estou em algumas palestras e o cara pergunta qual literatura eu sigo e digo que sigo a de muitos treinadores, porque pra mim o treinamento errado é o que não dá resultado, treinamento que dá resultado jamais ninguém vai me dizer que está errado.

H.G. – Quem são os professores e treinadores hoje, e suas respectivas modalidades?

M.B. – Nós temos alguns parceiros da APA, algumas pessoas que estão fazendo parcerias, contratados hoje nós temos o Professor Natanael¹⁹, que é o nosso Coordenador, temos o Professor Giva²⁰, que trabalha com velocidade e arremessos, temos o Professor Domingos, que trabalha com o pessoal da base e alguns atletas paralímpicos da base e eu, que trabalho com os atletas de fundo e meio-fundo do olímpico e paralímpico são meu foco de trabalho. Temos ainda outros colaboradores, professores da instituição, como o Professor Dejací²¹, que trabalha numa combinada, que tem atletas campeões brasileiros e sulamericanos, que, inclusive, são os filhos dele, nas categorias de base e agora já na adulto, e nós temos outros parceiros também, como o Professor Adriano, que é professor de escola municipal, mas também está dentro da instituição, recebendo alguns apoios em termos de apoio técnico e de estudo, com os cursos do Comitê Paralímpico, temos o pessoal de Ouricuri, Professor Ramon²², Professor Edinho²³, que são parceiros nossos, que tem seus atletas lá e participam também, e professores próximos, que trabalham a nível escolar, como o Professor Augusto²⁴, e outros professores que estão dentro da instituição e outros que estão chegando, e a gente tá sempre abraçando, e os novos agora, que são os professores que vão trabalhar nas escolinhas esportivas, nós temos a Profa. Carina²⁵, que trabalha com a formação do centrinho, da CBAAt, que faz um trabalho de iniciação dentro do SESI, na CBAAt, e agora vai ser contratada como professora, para trabalhar nas escolinhas esportivas, dentro da instituição, a Profa. Samira²⁶ e a Profa. Carina, nós temos a coordenadora, que é a Profa. Samira, que também é estudante da Univasf, do curso de mestrado, que vai coordenar as escolinhas, e dois estagiários, que é a Mariana²⁷ e o Ariel²⁸, que estarão dentro da instituição, dando o suporte no treinamento.

H.G. – Em termo de sede operacional, de treinamento, tem algum anexo, ou se resume somente ao SESI Petrolina?

¹⁹ Natanael Pereira Barros.

²⁰ Givanildo Marcos.

²¹ Dejací Pereira.

²² Ramon Tavares.

²³ Nome sujeito a confirmação.

²⁴ José Augusto Soares.

²⁵ Carina Cleures.

²⁶ Nome sujeito a confirmação.

²⁷ Mariana Neves.

²⁸ Nome sujeito a confirmação.

M.B. – Nós temos um grupo que treina no N-10, com o Professor Dejaci, em um campo que fica ao lado, que é da comunidade, local onde o pessoal do N-10 treina, um local que sai muitos atletas bons, tanto paralímpico, como tivemos agora uma campeã mundial, que saiu de lá, nós temos agora o campeão sulamericano, do decatlo, as provas combinadas que é dessa região, o professor tem uma pista de salto na casa dele, a outra parte ele leva para os arremessos e lançamentos e arremessos no campo. Nossa próxima meta, além dessa sede administrativa, que vai ser um aluguel durante alguns anos, estamos construindo, mas é uma coisa que é alugada, durante cinco anos teremos essa sede administrativa, que vai nos dar um suporte até conseguirmos a nossa sede fixa, nós queremos colocar ela junto com a pista de atletismo, que é nossa grande meta pra nossa cidade, eu sempre falo que não é um sonho, é um objetivo, temos o objetivo de ter uma pista de atletismo aqui no sertão e que a gente possa dar mais oportunidades para pessoas virem a competir, estarem em competição, e essa pista de atletismo aqui em Petrolina vai ser um marco aqui pra gente, num raio de 600km não se tem uma pista de atletismo, a mais próxima fica em Recife, as outras não tem a estrutura que tem em Recife. A gente vai conseguir essa pista de atletismo para a região, e nos padrões internacionais.

H.G. – Quais os principais apoios e dificuldades atualmente pra APA?

M.B. – Os principais apoios eu já citei, que são nossos parceiros, colaboradores, que são nossos grandes parceiros, uma coisa que eu vou deixar bem claro aqui, que eu trato como nossos patrocinadores, são nossos apoiadores do imposto de renda, que hoje pode estar havendo esse crescimento da instituição e pode ter certeza que cada vitória que acontece por aí eles fazem parte, quando contribuem, tiram cinquenta reais para contribuir, isso tem uma importância tão grande, porque, como eu falei, nós temos um selo de qualidade, que fala da boa gestão da instituição, então só quem tem uma boa gestão vai receber esse selo, então é uma coisa que dinheiro não passa por nossas mãos, é tudo bem organizado, a instituição tem esse “feed”, esses prêmios que a gente recebe, a instituição recebeu título de utilidade pública, eu já fui contemplado com a medalha Dom Malam, medalha Nilo Coelho, medalha oferecida pelo prefeito, eu fui o único do esporte que recebeu essa medalha, a gente fica lisonjeado com essas coisas, e as pessoas que fazem esse tipo de colaboração sabem que está colocando o recurso numa instituição séria, porque muitas vezes as instituições são mal vistas pela população porque estão nas mãos de pessoas

erradas, mas quando está nas mãos das pessoas certas, o trabalho é direcionado e o resultado chega, porque o objetivo é a população, é o atleta, é a formação do cidadão, eu criava os projetos nas escolas que eu trabalhava e sempre dava o mesmo nome para os projetos, porque eu sempre dizia que o atletismo não forma só o atleta, forma o cidadão, então muitas vezes eu sempre falo que é tão importante um dos nosso atletas lá estarem se destacando como profissional no trabalho dele, tanto quanto como atleta, então a formação do cidadão pra gente é interessante. Hoje nós temos nosso presidente, Domingos, que veio como atleta para a instituição, ele era atleta desde os 14 anos, e hoje é o presidente da instituição, é uma instituição organizada, por isso que a gente consegue ter esse carinho todo pela instituição.

H.G. – E o Professor Domingos relatou que foi recrutado pelo Professor Marciano.

M.B. – Sim. E, inclusive, logo no começo, todos os dias eu estava indo para a casa dele, ia buscar ele para treinar. Tem uma frase que eu escutei de Domingos que até hoje eu me recordo, ele incomodado com as pessoas que chegavam na instituição, porque todo moleque novo que chegava na instituição ganhava pra ele, e tinha alguns que tinham um talento retado, mas não gostavam de treinar, e ele não faltava um treino, e chegou pra mim e disse que quem tem talento não quer e quem não tem é quem quer. Eu disse pra ele que realmente, ele não tinha muito talento, ele chegou a ganhar e ir para Recife competir, mas não tinha aquele talento para o esporte, mas o talento estava na organização, pra mim é um dos grandes gestores, um cara desse, se alguém disser pra eu indicar pra ser um secretário de estado ou de município, eu indico Domingos de olhos fechados, porque eu sei da competência, da competência enquanto estava na gestão do Colégio da Polícia Militar, enquanto na gestão da instituição, aquela paciência que ele tem, aquele carinho que tem de poder estar ajudando o atleta, as vezes dentro da própria instituição a gente tem o mais carrasco que fala não faça isso, mas ele diz que deve ser dada oportunidade. Imagine se a gente tivesse perdido esse talento que é o Domingos.

H.G. – Quais as posições dos principais atletas no ranking nacional hoje?

M.B. – Nós temos oito atletas líderes de ranking no nacional, temos dois atletas entre os cinco primeiros no ranking mundial, no paralímpico, temos no regular brasileiro vários

atletas entre os oito, nas provas de meio-fundo, temos na maratona, ano passado finalizamos com o Justino e pra ser mais preciso com você, desses mais de sessenta bolsistas, pra ser bolsista tem que estar entre os três primeiros do país. Temos mais de sessenta bolsistas que são da instituição APA Petrolina.

H.G. – O que a APA Petrolina representa pra você, e qual a contribuição que a APA deu para sua vida pessoal e profissional?

M.B. – A APA é minha vida, eu desconheço como seria o Marciano só professor de escola, a contribuição que eu, enquanto profissional, me doei pra APA esse anos que eu tive como voluntário, eu nunca perdi nada com isso, eu sempre ganhei, porque a gente ganha reconhecimento, a gente consegue melhorar a questão da vida profissional, a vida pessoal, temos problemas, encontramos pessoas que só desestimulam, dizem para não ficar nesse negócio de APA sem ganhar nada, as vezes, não é que eu fique chateado, mas eu pensando como que alguém desperdiça a oportunidade de estar ajudando alguém, porque quando você está se doando a uma instituição pra ajudar ao próximo, você está ganhando demais com isso, porque eu acho aquilo muito prazeroso, poder estar dando um suporte a alguém, estar vendo a mudança de vida em uma pessoa, eu acho que a maior recompensa que temos é saber que pode contribuir com o outro, que pode contribuir não só chegar lá e tirar aquilo dele, eu só dou o treinamento se pagar, a gente ganha demais com isso, quando a gente está ajudando e eu acho que a APA foi e é muito importante na minha vida, e vai continuar sendo enquanto eu tiver vida, eu acho que também a gente vai deixar um legado, pessoas irão continuar tocando a instituição, vem os problemas, a gente tenta resolver, problemas que possam chegar a vir a instituição, mas eu acredito que a semente foi bem plantada, e a partir de agora, são frutos, frutos podres vão cair, mas frutos bons virão, e isso só tem a contribuir com a nossa sociedade.

H.G. – Gostaria de complementar com mais alguma informação?

M.B. – Eu já falei tanto, que não sei o que seria a complementação, mas a minha complementação é que ninguém constrói nada sozinho, tudo que a APA é hoje, todos têm uma parcela de contribuição, eu sempre relato dos meus professores, daqueles convites, eu tenho sempre em mente, por exemplo, recebi um convite para iniciar no atletismo, da

Profa. Edileuza, depois eu recebi um convite do Professor Santana para treinar com a equipe dele, depois eu recebi novamente da Profa. Edilueza para compor a equipe de atletismo da escola, para poder trabalhar com a equipe de atletismo da escola, aqueles três convites foram algo desafiador e importante para o esporte, foi a partir daqueles convites, até então moleque, bagunceiro na escola, indisciplinado, e sem muita perspectiva, morando em bairro periférico, onde dos dez amigos sete morreram, três escaparam, e eu estou entre os três. A gente saber que oportunidades que você pode dar a alguém, você pode modificar a vida de alguém, de você chegar numa escola e ter aquele monte de menino bagunceiro e enquanto o professor não quer ele perto, e você, de repente, dá aquela oportunidade, e o moleque, de repente, virar uma página, aquilo é interessante demais, os relatos, como eu fiz aqui do Josoaldo, do Justino, mas eu tenho o Edson Amaro, que daqui a pouco vai estar aqui falando com vocês, que com 18 anos estava na 5ª série, não gostava muito de estudar, mas hoje é uma referência que anda comigo há quantos anos, que me considera um pai, porque nunca teve aquela aproximação paterna, e a gente trata como filho, com 37 anos, quase da minha idade, eu tenho 44 anos, mas a gente percebe o quanto o pessoal tem um carinho pela gente, e a gente fica muito feliz em poder estar contribuindo, poder estar ajudando. Aqueles convites foi uma coisa que mudou a minha vida e eu continuo incluindo, trazendo pessoas para a instituição, nunca fui de excluir ninguém, por mais que você não tenha o talento para o esporte, eu não sou de excluir. Uma vez eu ouvi uma historinha e sempre falo para os meus alunos, que a gente sempre pode contribuir, é a historinha do barqueiro, acho que você já deve ter ouvido, disse que tinha um rio de difícil acesso, e esse rio tinha uma travessia feita por um senhorzinho, que fazia a travessia naquele barco de um lado pro outro, rio muito perigoso, e certa vez, numa dessas viagens ele levou um advogado e uma professora, e começaram a conversar, o advogado e a professora conversando bastante e o barqueiro lá seguindo o seu rumo, e o advogado virou para o barqueiro e disse: “ô, barqueiro, você entende de leis?”, o barqueiro disse: “não, eu não entendo de leis”, e o advogado riu e disse: “que pena barqueiro, você perdeu a metade da sua vida”, com isso a professora também conversando bastante disse: “barqueiro, você, pelo menos, sabe ler e escrever?”, e ele disse: “nem sei ler, e nem sei escrever”, e ela riu e disse: “que pena, barqueiro, você perdeu a metade da sua vida”, nesse momento o barco virou, o barqueiro levantou e disse: “vocês sabem nadar?”, e eles responderam que não, e o barqueiro disse: “é uma pena, vocês perderam toda a vida”. Isso é uma reflexão que eu carrego comigo, que todo mundo tem algo a contribuir, então a gente nunca pode

menosprezar nada de ninguém, essa é uma historinha que eu ouvi lá atrás e que eu carrego dentro da instituição até hoje, acho que todo mundo tem uma forma de contribuir dentro da instituição, por isso que hoje é essa instituição de referência.

H.G. – Professor, eu sou suspeito até de falar do senhor, eu tenho uma grande admiração, como profissional, através dos resultados demonstrados, como melhor técnico do Campeonato Brasileiro Paralímpico, e como pessoa tive a honra e satisfação de conviver por algum período, e quando folgar um pouco retornarei por lá, e queria agradecer de coração, pelo senhor ter aberto sua vida, que se confunde com a APA, por todos que foram entrevistados foi dito que o Professor Marciano é aquele camarada que se confunde com a história da APA, que ia dar datas específicas, como foi feito aqui, e que poderia passar um raio-x fidedigno da APA, de sua fundação até os momentos atuais, então, de coração, muito obrigado pela disponibilidade, pela vontade de nos ajudar, a mostrar a história da APA e a gente guardar para deixar como legado para novos atletas, novos profissionais e novos parceiros, obrigado, professor, e fica com Deus.

M.B. – Eu que agradeço a você, a toda instituição, como eu disse lá no início, por estarem proporcionando às pessoas a poderem acompanhar o que é a APA Petrolina, tenho certeza que, a partir desse trabalho, muita gente vai entender e vai olhar diferente para a instituição APA Petrolina e também para o seu eu profissional, eu acho que se a gente buscar entender um pouco do que é a gente se doar para uma instituição, a gente sabe que só tem a ganhar lá na frente, muito obrigado.

[FINAL DA ENTREVISTA]